

TIMOR

Novembro de 1991 – Timor-Leste chorava, vestido de luto. A repressão indonésia, que desde 1975 sofria o povo timorense, atingira o seu auge com o massacre no cemitério de Santa Cruz, causando centenas de vítimas, ou talvez milhares, se considerarmos todos os que se sentiram feridos na alma, angustiados e vexados, uma vez mais.

Abatido e à beira de uma depressão, devido a factores de ordem profissional e também a um quase deserto afectivo que atravessava, tinha decidido em Outubro pedir uma licença sem vencimento e, pela primeira vez em vários anos, fazer uma longa viagem que me permitisse distanciar-me, reflectir e vislumbrar uma saída para o impasse em que parecia encontrar-me. Esgotadas as férias, que mais me tinham fatigado do que o próprio trabalho, só me restava essa possibilidade, e, obtida a autorização, ofereci-me a oportunidade de rever a encantadora ilha onde vinte e quatro anos atrás desembarcara, em cumprimento do serviço militar.

Mal cheguei às Montanhas do Mundo Perdido, situadas a cerca de duzentos quilómetros de Díli, mergulhei nas águas sulfurosas da ribeira, aspirei longa e profundamente os odores exóticos que durante anos tinham resistido a abandonar-me, banhei-me, enfim, nesse lago de magia longínqua, onde, em tempos, sonhara, sofrera e crescera, tocado pela varinha do tempo e da distância, que de jovem sonhador me transformara em homem quase maduro e consciente.

Foi então que deflagrou a tragédia. Aquele povo, que não tinha ainda esquecido o sofrimento provocado pela invasão nipónica, que causara muitas centenas de vítimas, aquando da segunda guerra mundial, e sentia ainda em chagas as feridas mais recentes dos massacres de Kraras e Formanu, nos anos oitenta, era mais uma vez sacrificado e punido por um delito que mais não era do que o legítimo desejo de ser livre e ver respeitadas as suas raízes históricas e culturais.

Na povoação onde me encontrava, Lacluta, em casa de um velho amigo que ali permanecia desde os tempos da vida militar, as notícias causaram a maior aflição, sobretudo no seio de uma família cujos filhos e sobrinhos se encontravam na capital.

Envolvido por essa onda de dor, lembro-me de ter pensado como eram insignificantes os meus problemas pessoais, comparados com os daquela gente, que se debatia, encurralada e ferida. Lembro-me também de ter deixado a memória vaguear e ter recordado episódios nos quais participara, vinte e tantos anos atrás, e que me tinham marcado profundamente.

Nessa época, encontrava-me na mesma povoação, como mestre duma escola militar social. Era o único europeu por aquelas paragens e cumpria, simultaneamente, as funções de professor, enfermeiro, psicólogo e catequista de todas as crianças daquela zona, à excepção das que fugiam para os montes, incapazes de se adaptarem a uma vida disciplinada e «civilizada».

Os únicos momentos de convívio e animação, para além da rotina diária com as crianças, eram as caçadas aos veados e alguns jantares e festas, para as quais era convidado pelos «liurais» da região. Estes eram

os chefes, reconhecidos e respeitados, e, juntamente com as suas famílias, os poucos habitantes a viverem com alguma abundância e condições mínimas de higiene.

Tendo eu, um dia, salvo uma criança que se encontrava moribunda, fazendo-a tomar uma dose dupla de comprimidos para o paludismo, foram-me atribuídos poderes especiais, que me angariaram grande consideração, o que, segundo penso, explica o facto de sempre ter sido convidado para as grandes ocasiões, como a festa de desluto oferecida por um dos referidos liurais.

Celebrava-se o primeiro aniversário da morte da sua filha, que morrera muito jovem. Desconhecendo ainda muitos dos aspectos sócio-culturais da região, foi com surpresa e, por vezes, com estupefacção, que fui participando nos diversos rituais, desde a romagem ao cemitério, onde se proferiram orações no principal dialecto local, o tétum, até ao farto banquete, na casa da família, e ao baile, até altas horas da madrugada.

Uma das realidades que, no início, me tinham impressionado vivamente era o facto de os cemitérios não se encontrarem cercados e, por isso, poderem ser invadidos por qualquer pessoa, pisados e, quantas vezes, serem palco de rixas ou mesmo cenário de caçadas.

Participei, nessa festa de desluto, na mais lauta refeição que me foi servida em Timor – carne de búfalo, de veado, de porco e de galinha, ovos de tartaruga, camarão, grande variedade de frutos tropicais e bebidas locais, como «tuaca» e «tuassabe», não faltando, no entanto, a cerveja e o «brandy». Todas estas iguarias eram servidas em grandes mesas de bambu, cobertas por toalhas de folhas de bananeira. Eram igualmente de bambu os bancos onde nos sentávamos.

Durante o baile, as raparigas, com as suas belas vestes coloridas, as «lipas», não se furtavam a fazer valer os seus encantos, sobretudo tratando-se de agradar ao conceituado mestre e ao seu acompanhante, um amigo e camarada da Companhia de Caçadores do Mundo Perdido, que se encontrava de visita.

Foi nessa noite que ele se enamorou perdidamente de uma das jovens nativas, acabando o serão num inesquecível encontro íntimo. Tal atracção irresistível viria a conduzir ao casamento, do qual resultou considerável prole. Algumas vozes maldosas, no quartel, chegaram a insinuar que o meu amigo fora aliciado pela perspectiva da herança de uma enorme e fértil várzea de arrozais, mas eu, testemunha próxima desde o primeiro momento, acredito que se tratou de um raro caso de encontro perfeito, talvez mesmo de predestinação, quem sabe...

O meu amigo não regressou de Timor, mas mantivemos uma correspondência regular, e era em sua casa que me encontrava, quando ocorreu o terrível massacre.

Recordei-me também de que, por essa época, um habitante de uma povoação vizinha me confidenciara estar convicto de que, em breve, Timor-Leste seria ocupado pelos indonésios. Para si, estes eram os grandes inimigos, que aguardavam apenas a primeira oportunidade. Os poços de petróleo e o sândalo, entre outras fontes de riqueza, eram atractivos irresistíveis, e, mais cedo ou mais tarde, a parte leste da ilha de Timor cairia nas suas mãos.

Curiosamente, quer este, quer outros nativos com quem tive oportunidade de conversar, não encaravam os portugueses como invasores, mas sim como amigos que lhes levavam algo de valioso, como a instrução e a religião. E assim se ia cimentando uma cultura lusotimorense, onde predominava a religião católica e onde, aparentemente, não se fazia sentir grandemente o peso opressor da colonização.

Claro que também havia as zonas chamadas subversivas, onde já existia ou começava a delinear-se um plano de luta pela independência, mas não se me proporcionou qualquer ocasião de contactar directamente com essa realidade. Na verdade, a minha posição política era, então, muito mal definida, dividido entre conceitos de justiça, princípios religiosos e doutrinação colonizador, que, como militar, me fora ministrado. Tendo nascido e crescido longe dos grandes centros e sendo, portanto, vítima ideal do obscurantismo que então grassava, só muito mais tarde me consciencializei e posicionei politicamente. O que na altura desejava, acima de tudo, era cumprir o melhor possível o meu papel de educador daquelas crianças pobres, muitas das quais bebiam avidamente os conhecimentos que tive oportunidade de lhes transmitir. Aderiam facilmente a alguns aspectos da nossa cultura, embora rejeitassem outros. Nunca esquecerei a noite em que, ao preparar-me para me deitar, avistei uma cobra enorme, rastejando ao longo da trave do tecto. Gritei por dois dos alunos mais velhos, pedindo-lhes que trouxessem uma catana, para a matar. Estes e outros que os acompanhavam, ao entrarem no quarto, irromperam num pranto, implorando-me que não matasse o bicho. Claro que não lhes dei ouvidos, pois era impensável conseguir dormir naquela situação. Só depois do facto consumado, tive curiosidade em saber a razão daquela atitude dos rapazes. Explicaram-me, então, que as cobras matavam os ratos, impedindo que estes roessem o capim de que eram construídas as suas casas. Por isso, conviviam com elas, como se de animais domésticos se tratasse. Também o crocodilo era um animal por eles respeitado e protegido, dado que, segundo a lenda, fora um crocodilo que dera origem à ilha, tendo-se transformado nela, razão pela qual a sua forma se lhe assemelhava.

Horas que eu imaginara de descontração total e divertimento, quantas delas passei profundamente mergulhado em recordações e quantas outras a tentar animar os meus amigos, que temiam pelo seu futuro e, sobretudo pelo dos seus filhos. E de tal forma me embrenhei nos seus problemas, que quase esqueci os meus. Quando, finalmente, regressei, o tempo tinha resolvido muitas das questões que me tinham parecido irresolúveis, e a vida prosseguiu, sem grandes sobressaltos.